



OS IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO: EPISTEMICÍDIOS NA PSICOLOGIA

Aline dos Santos Anselmo¹

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo analisar os efeitos do epistemicídio como dispositivo do processo colonizador a partir do silenciamento de epistemologias pretas no processo de construção das subjetividades negras brasileiras. Foram caracterizados os diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e foram identificados os efeitos do epistemicídio na formação de Psicologia no Brasil, assim como os impactos epistemológicos do processo de colonização. Para tanto utilizou-se de um levantamento histórico e bibliográfico com teóricos negros que fazem críticas contundentes às produções do mundo dito ocidental, possibilitando compreender a Psicologia enquanto uma ciência historicamente omissa às questões étnico-raciais

Palavras-Chave: Epistemicídio; Colonização e Psicologia.

THE IMPACTS OF COLONIZATION: EPISTEMICIDES IN PSYCHOLOGY

Abstract: This research aims to analyze the effects of epistemicide as a device of the colonizing process from the silencing of black epistemologies in the process of building black Brazilian subjectivities. The different mechanisms of delegitimization of blacks as bearers and producers of knowledge were characterized, and the effects of epistemicide on the formation of Psychology in Brazil were identified, as well as the epistemological impacts of the colonization process. For this purpose, a historical and bibliographical survey was used with Black theorists who make blunt criticisms to the productions of the so-called western world, making it possible to understand Psychology as a science historically omissive to ethnic-racial issues.

Keywords: Epistemicide; Colonization and Psychology.

LOS IMPACTOS DE LA COLONIZACIÓN: EPISTEMICIDIO EN PSICOLOGÍA

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo analizar los efectos del epistemicidio como dispositivo del proceso de colonización desde el silencio de las epistemologías negras en el proceso de construcción de las subjetividades negras brasileñas. Se han caracterizado los diferentes mecanismos de deslegitimación de los negros como

¹ Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM. Membro do projeto "África na UFRJ", através da parceria da União dos Estudantes Africanos e da Diáspora, com a Decania do Centro de Letras e Artes da UFRJ. Atualmente dedica-se ao estudo prático - teórico da subjetividade preta, apostando na descolonização do pensamento como possibilidade de promoção de saúde. E-mail: dsaaline@hotmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5146-6770>



portadores y productores de conocimiento, y se han identificado los efectos del epistemicidio en la formación de la psicología en Brasil, así como los impactos epistemológicos del proceso de colonización. Para ello, se ha utilizado un relevamiento histórico y bibliográfico con teóricos negros que critican sin rodeos las producciones del llamado mundo occidental, permitiendo entender la psicología como una ciencia históricamente omisiva a las cuestiones etno-raciales.

Palabras-clave: Epistemicida; Colonización y Psicología.

LES IMPACTS DE LA COLONISATION: L'ÉPISTÉMICIDE EN PSYCHOLOGIE

Résumé: Cette recherche vise à analyser les effets de l'épistémicide en tant que dispositif du processus de colonisation à partir du silence des épistémologies noires dans le processus de construction des subjectivités noires brésiliennes. Les différents mécanismes de délégitimation des Noirs en tant que porteurs et producteurs de savoir ont été caractérisés, et les effets de l'épistémicide sur la formation de la psychologie au Brésil ont été identifiés, ainsi que les impacts épistémologiques du processus de colonisation. À cette fin, une enquête historique et bibliographique a été utilisée avec des théoriciens noirs qui critiquent sans détour les productions du soi-disant monde occidental, permettant de comprendre la psychologie comme une science historiquement omissive aux questions ethno-raciales.

Mots-clés: Épistémicide; Colonisation et Psychologie.

INTRODUÇÃO

Com a presente pesquisa pretendemos investigar os processos conceituais que levaram a Psicologia ocidental a excluir outras epistemologias do seu arcabouço teórico acadêmico. A partir do desconforto provocado por um sentimento de ausência, durante a graduação, surgiram inquietações que induziram a exploração de alguns dos principais pensadores das questões raciais. É primordial conhecer suas contribuições para diagnosticar a ausência de saberes importantes para a composição identitária do sujeito, em específico a produção psicológica de pensadoras e pensadores negros, tanto do continente africano, como da diáspora. O que não poderia ser feito a partir de referenciais teóricos europeus, pois o fato de pensadores negros não serem estudados na grande maioria dos cursos de Psicologia no Brasil, é mais um elemento da política de embranquecimento que ainda se faz presente na contemporaneidade de forma a dizimar a ancestralidade africana, em um desumano e constante processo de inferiorização étnica.

Elencamos os processos violentos de colonização como a chegada do homem branco, a constituição de subalternidade e as decorrências que reverberam nas práticas cotidianas,



atingindo a produção de epistemologias. A história e cultura afro-brasileira vem sendo aniquilada e apagada da história oficial, e também da prática genocida do Estado brasileiro e de seus tentáculos, como a academia, que por vezes se dedica a matar as epistemologias negras e a reiterar o culto ao colonialismo. De acordo com Almeida (2017), nos referimos à problemática do racismo como um problema estrutural e afirmamos que este deve ser analisado como um processo político e histórico.

Segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014, o Brasil é o país com o maior contingente de pessoas negras fora do continente africano, chegando a corresponder atualmente à 53,6% da população total, tendo assim a segunda maior população negra no mundo, ficando atrás apenas da Nigéria, país africano. Tal situação, configura o que hoje conhecemos como a diáspora africana, caracterizada pela imigração forçada dos povos africanos para os países que adotavam a mão de obra escrava. Contudo, corresponder à maior parte da população, não livrou as pessoas de cor negra da desigualdade social, econômica e racial. Assim, a população negra é vítima de um racismo estrutural. (SILVA; GABRIEL, 2018)

Problematizamos a partir dos pensadores descoloniais (Njeri, 2019; Carneiro, 2005; Boaventura, 1995; Grosfoguel, 2016) que o plano colonial foi físico e epistemológico no sentido de que ao eliminar um corpo que também pensa, elimina-se sua história e cultura. Posto isso, o presente trabalho tem como objetivo discutir acerca do epistemicídio como uma das formas de genocídio do existir negro na psicologia brasileira e os impactos epistemológicos do processo de colonização na Psicologia e nas práticas profissionais.

O pensador brasileiro Abdias do Nascimento (1978), no seu livro, *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, conceitua o genocídio como:

O uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para a exterminação de um grupo racial, político ou cultural, ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um grupo. Recusa do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticas e de seus sentimentos nacionais e religiosos. Ex.: perseguição hitlerista aos judeus, segregação racial, etc. (NASCIMENTO, 1978, p.16)

Apresentaremos diversos intelectuais negros e negras que se dedicaram à produção de conhecimento sobre os efeitos do colonialismo e conseqüente epistemicídio.



Já na década de 1930 a psicanalista Virgínia Bicudo realizou uma vasta pesquisa com negros em São Paulo, que resultou na sua dissertação de mestrado *Atitudes raciais de negros e mulatos em São Paulo*. O psiquiatra martinicano Frantz Fanon, em seu trabalho clínico e acadêmico, escreveu, nos anos 1940, o livro *Pele negra, máscaras brancas*, referência nos estudos da saúde mental da população negra. Nos anos 1960/1970, no trabalho de psicólogos negros como Wade Nobles e Naim Akbar surge, nos Estados Unidos, a *Black Psychology* como sendo a construção de teorias e práticas em psicologia clínica tendo como referência as subjetividades negras e a ancestralidade africana. Nos anos 1980, a psicóloga e psicanalista brasileira Neusa Santos Souza escreveu o livro *Tornar-se negro*, em que fez uma releitura de conceitos fundamentais da psicanálise a partir da experiência negra. (VEIGA, 2019, p.2)

É importante ressaltar que apesar das inúmeras contribuições para a comunidade preta, estes e muitos outros intelectuais negros não estão nas grades curriculares das academias brasileiras. Sendo os homens-brancos-europeus os autores mais estudados nas graduações brasileiras. A academia está impregnada de colonialismo reservando uma universalidade ao pensamento colonial. A esse respeito Abdias do Nascimento, nos diz:

Como poderiam as ciências humanas, históricas – etnologia, economia, história, antropologia, sociologia, psicologia e outras – nascidas, cultivadas e definidas para povos e contextos socioeconômicos diferentes, prestarem útil e eficaz colaboração ao conhecimento do negro, à sua realidade existencial, aos seus problemas, aspirações e projetos? Seria a ciência social elaborada na Europa e nos Estados Unidos tão universal em sua aplicação? (NASCIMENTO, 2009, p. 206)

Levantamos o seguinte questionamento que norteia este estudo: é crível afirmar que a colonização e o epistemicídio do saber negro produziram impactos na produção de conhecimento para a formação dos profissionais de Psicologia? Supõe-se que o processo de colonização, ainda vigente, e o apagamento de epistemologias pretas no ensino de psicologia no Brasil tende a ser um fator determinante para o desequilíbrio psíquico em pessoas negras.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os efeitos do epistemicídio como dispositivo do processo colonizador a partir do silenciamento de epistemologias pretas no processo de construção das subjetividades negras brasileiras e seus desdobramentos na formação dos profissionais de Psicologia no Brasil. De forma específica, será compreendido como o silenciamento de epistemologias pretas se apresenta enquanto dispositivo colonizador, assim como será caracterizado os diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento. Serão identificados



os efeitos do epistemicídio na formação de Psicologia no Brasil e elencados os impactos epistemológicos do processo de colonização na Psicologia e nas práticas profissionais.

No último capítulo a pesquisa caminha para o resgate do trabalho de psicólogos e de intelectuais negros e negras historicamente apagados dos currículos das graduações de Psicologia no Brasil, para apontar como as subjetividades negras podem ser cuidadas em sua singularidade, devido a fragilidade de estudos sobre a vida emocional dos negros(as) e da ausência de reconhecimento de epistemologias pretas no ensino de psicologia no Brasil. O cuidado da saúde mental da população negra brasileira não pode se dar sem um resgate epistemológico das produções negras sobre o tema. Para Pontes (2017) somente uma afroperspectiva teórica pode de fato superar o paradigma eurocêntrico.

A COLONIZAÇÃO

Para compreendermos como a Psicologia, área de produção de saber, se apresenta enquanto ciência e profissão no Brasil, é necessário inicialmente a reflexão sobre como se deu a chegada dos europeus no novo continente, impondo suas ideias, teorias, crenças e costumes. Para analisarmos os objetivos e impactos da chegada do povo europeu nas Américas, podemos utilizar inicialmente as ideias de Aimé Césaire (1978), através das quais podemos analisar os processos violentos da chegada dos europeus e suas intenções colonizadoras.

Para o escritor Aimé Césaire, a vitória sobre o processo colonizador era condição para que um povo pudesse construir sua história e sua personalidade. Por esse modo, o autor define a colonização pela via negativa para alcançar o real significado:

[...] o que é, no seu princípio, a colonização? Concordemos no que ela não é, nem evangelização, nem empresa filantrópica, nem vontade de recuar as fronteiras da ignorância, da doença, da tirania, nem propagação de Deus, nem extensão do Direito; admitamos, uma vez por todas, sem vontade de fugir às consequências, que o gesto decisivo, aqui, é o do aventureiro e do pirata, do comerciante e do armador, do pesquisador de ouro e do mercador, do apetite e da força, tendo por detrás a sombra projetada, maléfica, de uma forma de civilização que a dado momento da sua história se vê obrigada, internamente, a alargar à escala mundial a concorrência das suas economias antagônicas [...] E digo que da colonização à civilização a distância é infinita; que de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais expedidas, é impossível resultar um só valor humano. (CÉSAIRE, 1978, p. 14).



Com isso, Césaire (1978) escreve que nessa relação há um contato que denota mais um modo da hipocrisia do regime europeu, pois através da colonização impõe-se o trabalho forçado, a intimidação, a polícia, o roubo, as culturas obrigatórias, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Césaire (1978) questiona se essa colonização trouxe realmente a civilização e aponta que existe uma distância da colonização para a civilização. Teoricamente o autor quer colocar que colonizar um povo, não é o mesmo que civilizá-lo, já que uma cultura continua dominante e não é a cultura do colonizado.

Segundo Césaire (1978) ao camuflar suas intenções, o homem conquistador lança-se então ao mar para levar civilização aos selvagens, sem perceber que tal processo civilizatório o faria descivilizado. O autor afirma que ninguém coloniza o outro de forma inocente, há sempre uma justificativa para subjugar o outro e quem faz já é uma civilização adoecida, bem como ao colonizar, cai em uma negação da sua própria civilização, pois ao dominar o outro este se desciviliza. (Césaire,1978)

Césaire explica que em um primeiro momento a colonização teve como impulso a desumanização: mesmo o homem “mais civilizado” empreendeu, atuou e conquistou o indígena através da finalidade de enxergar o Outro como animal. O colonizador “se habitua a ver no Outro o animal, se exercita a tratá-lo como animal, tende objetivamente a transformar-se, ele próprio, em animal”. (CÉSAIRE, 1979, p. 24).

A partir dos escritos acima, surge então o questionamento sobre o que de fato foi levado para os países colonizados: segurança? cultura? O autor afirma que o produto do processo de colonização, no encontro entre colonizador e colonizado, é a força e a formação de subalternos, em uma relação que coloca o outro como criado. Temos como produtos dessa colonização culturas dizimadas, confisco de terras, crenças assassinadas, produções artísticas desaparecidas “extraordinárias possibilidades suprimidas”. (CÉSAIRE, 1978, p.25)

O pensamento colonizador não desaparece com o fim das colônias, ele faz eco, e as reverberações advindas da colonização perpassam as práticas cotidianas e atingem também a produção de epistemologias. O professor do departamento de estudos étnicos da Universidade de Califórnia Ramon Grosfoguel (2008) alerta-nos que há no conhecimento um lugar de enunciação, ecoado a partir do lugar de hegemonia ou da subalternidade, a partir de suas ideias compreendemos que o conhecimento ocidental tido como universal captura os sujeitos das regiões problemas sob a imagem do subdesenvolvido, atrasado, alvo justificado de intervenção civilizatória. “Assim, a



neutralidade do conhecimento é ilusória, pois sob essa lógica colonial vemos a cumplicidade entre as ciências humanas e sociais ocidentais e a colonialidade do poder revelada na produção de conhecimento.” (FILHO; SILVA, 2018, p.3)

E, diante disso, Césaire afirma: “É a minha vez de anunciar a equação: colonização = coisificação” (CÉSAIRE, 1979, p. 25). Além disso, também ocorre o epistemicídio, já que “milhões de homens são arrancados aos seus deuses, a sua terra, aos seus hábitos, a sua vida, à dança, à sabedoria” (CÉSAIRE, 1979, p. 25). Aqui podemos perceber que há uma estratégia violenta de apagamento da cultura e conhecimento dos negros e de seus ancestrais africanos para assimilar cada vez mais a cultura dominante e europeia.

Segundo o filósofo camaronês Achille Mbembe (2014), o corpo do africano objetificado e identificado como “homem-objeto”, é um mero instrumento para adquirir lucro, que estava à mercê do colonizador que detinha o poder de vida e morte sobre ele. Como consequência, este homem é destituído de qualquer direito, de sua racionalidade e humanidade aos olhos do colonizador. Nessa condição Mbembe sintetiza a transformação desse “homem objeto” em “homem-mineral”, depois “homem-metal” e depois o “homem-moeda” (MBEMBE, 2014, p.78). Para o autor o sujeito negro é um mero produto da transformação de corpos africanos em objetos de exploração. Assim como um mineral, é primeiramente extraído da África, forjado na colônia e convertido em riqueza na Europa.

Para os colonizadores a liberdade física e subjetiva dos sujeitos africanos poderia ser violada uma vez que se distanciava da condição humana pois não dotavam de humanidade que pudesse garantir seu direito de viver, o corpo negro é usado como combustível para geração de lucro do colonialismo, posteriormente um corpo descartável e matável.

A MORTE DO CORPO E DO SABER

Para Achille Mbembe, o ser humano é definido por possuir razão e linguagem (MBEMBE, 2014, p.150). A partir disso podemos nos indagar: o que é ser humano? Quem pode ser concebido como tal? Quem possui a capacidade de conhecer? O ser humano é o sujeito que possui razão e linguagem, mas na concepção de Mbembe há um critério para esta distinção e esse critério é racial.



Por mais que sejam fartos os relatos dos contatos dos africanos com os europeus, foi precisamente no século XIX que se começou o questionamento sobre a humanidade dos negros, as indagações partiam da tamanha dissemelhança física-corpórea assim como também das distinções de hábitos culturais e sociais. Mbembe aponta para três possibilidades de se responder a essa indagação; a) a humanidade negra não possui história, b) o Negro é um não-semelhante e c) o Negro deve ser assimilado a cultura europeia. A partir dessas possibilidades há a tentativa de apresentar o negro como um ser exótico, diferente, e por ser muito diferente do que corpo, pensamento, cultura e sociedade europeia, não pode ser um ser humano, mas pode passar por um processo de humanização, e ser aceitável ao se converter ao cristianismo, ao se adaptar ao modelo econômico, e ao modelo político do ocidente. (MBEMBE, 2014, p.155)

Para o autor a transformação do africano em coisa ultrapassa a noção de utilizar o Outro como um objeto, como um meio para se alcançar alguma finalidade; “matéria energética” (MBEMBE, 2014, p.141), mesmo que a escravidão tenha sido usada por quase todas as civilizações que já existiram, ela como meio de produção econômica nunca havia alcançado uma quantidade de pessoas e um lucro tão grande quanto foi durante o período de colonização do continente americano e também do africano.

As classes dominantes brancas têm à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas – a imprensa, o rádio, a televisão – a produção literária; todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa, e como criador e condutor de uma cultura própria. (NASCIMENTO, 1978, p. 94)

Pode-se perceber que nessa estratégia, o propósito é de promover o epistemicídio, pois ela nega a importância do pensamento negro africano, e o classifica como inferior, além da utilização do sistema educacional do Estado para promover exclusivamente o conhecimento de origem europeia. Nascimento (1978) argumenta que o sistema educacional, elementar, secundário e também o universitário ignoram em seus conteúdos qualquer referência positiva à história, cultura, às civilizações e ao conhecimento africano. (Pessanha,2018)

A partir destas ponderações, Pessanha (2018) nos traz o pensamento do filósofo Emmanuel Kant:

Kant argumentará que o sujeito só pode conhecer o objeto da forma como ele se manifesta, há objetos que não se pode conhecer, esses ele vai chamar de "coisa em si", que são objetos que não podem ser conhecidos, mas podem ser especulados apenas. Com isso Kant estabelece limites ao conhecimento do sujeito e muda a maneira de se estabelecer o que pode ser conhecido. (PESSANHA, 2018, p.41)

Este corpo é imediatamente transformado em “coisa” e uma consequente aniquilação do seu pensamento, por meio de uma estratégia de relegar ao corpo preto uma condição subalterna e inferior perpétua.

Na separação de si mesmo o negro se torna estranho do seu próprio eu, como se uma amnésia desconfigurasse a sua própria identidade, como se fosse nada mais do que um corpo a ser utilizado ao bel-prazer do colonizador, do senhor. O processo de desapropriação retira do negro tudo, ele não é dono nem do seu corpo, nem da sua família, é retirado da sua terra e enviado a outros mundos, outras geografias, sem portar absolutamente nada. E por último, a degradação tira-lhe a honra, o orgulho, o brio, relegado a toda forma de humilhação e desprezo. Todo esse mecanismo perverso deixa o negro a mercê da morte, quando não de algo pior. (MBEMBE, 2014, p. 139)

Com isso há uma falsa crença na superioridade dos brancos que acabam acreditando que o colonialismo é benéfico pois seria uma maneira de ajudar no “desenvolvimento” humano, moral e intelectual do negro. Esta falsa benevolência é apenas um uso sistemático da violência em variadas formas.

Ao impor a insígnia da raça e classificá-la como não-humana cria-se uma categorização de seres despossuídos de racionalidade, isso inclui é claro a memória. Dessa forma se nega o passado; apagando o que foi produzido em termos de conhecimento no continente africano, nega-se o presente; anulando as possibilidades de ascensão social e econômica, seja pelo o extermínio dos corpos negros, seja pela negação do acesso à educação e nega-se o futuro; mais uma vez pelo extermínio dos corpos negros e pela estratégia de submeter esse subalternizado à uma cultura e estética impostas pela branquitude, que determina como negativo tudo que se refere a cultura e conhecimento negro. (PESSANHA, 2018, p.64)

O pensador Boaventura Souza Santos discorre sobre esta “morte do saber” utilizando do conceito de epistemicídio, na obra *Pelas mãos de Alice* (1995), o autor afirma que o epistemicídio é uma estratégia do paradigma dominante, para manter sob o jugo etnocêntrico os saberes estranhos a episteme europeia

O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam constituir uma ameaça à expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, à expansão comunista (neste domínio tão moderna quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra norte-



americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS, 1999, p. 283)

A professora Aza Njeri (2019) afirma que o processo de desumanização e de genocídio da população negra possui múltiplas faces: físico, psíquico e espiritual, a partir do conceito de “presságio do abismo”, ou seja, observáveis as estatísticas de violência e morte, pobreza, falta de acesso às políticas públicas, todas estas tangenciadas, sobretudo, pelo fator racial, o indivíduo negro está sob o risco de “abismo” (morte física, psíquica e espiritual) a qualquer momento (Njeri, 2019).

A metáfora do genocídio, a qual sempre recorro, entende-o como um monstro com diversos tentáculos. Esse monstro mira o corpo negro a fim de matá-lo física, psicológica, epistemológica e espiritualmente. Ciente da complexidade e a heterogeneidade que é o Povo Negro, cada tentáculo é responsável por uma área do genocídio, assim, temos desde nutricídio, epistemicídio, racismo religioso, encarceramento em massa, ultra violências homofóbicas e internação compulsória em hospitais psiquiátricos, até a efetiva morte física de toda a população negra, sem exceção ou recortes. Ou seja, não importa a especificidade deste corpo negro, o monstro do genocídio é sofisticado o suficiente para adequar-se a ela e utilizá-la como via de morte. (NJERI, 2019, p.4

Desse modo, mais adiante compreenderemos o conceito de epistemicídio, a partir da importância de o reconhecermos tal como uma estratégia de apagamento e aniquilamento do ser, da palavra, mas também de todo um corpo coletivo negro. Por isso, tais contribuições precisam ser resgatadas e ressignificadas positivamente, o que pode ser feito com o amparo da lei 10.639/03.

EPISTEMICÍDIO E A LEI 10.639/03

A lei de nº 10.639/2003, estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e culturas afro-brasileiras e africanas na educação básica e superior. Na busca por construir uma nova visão acerca do negro, a elaboração dessa lei pelo Legislativo, segundo Silva (2010) se deu a fim de efetivar o objetivo fundamental da República Federativa do Brasil constante do art. 3º., IV, da Constituição Federal de 1988, que consiste em “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Ainda de acordo com Silva (2010) tal lei traz a possibilidade de desconstrução de um imaginário racista, visando construir uma nova mentalidade em relação à cultura negra e dos afrodescendentes no Brasil.



Diferentemente de seu histórico recente e longe de ser suficiente, porém necessário, nos últimos anos a psicologia através de eventos, produções científicas e cartilhas de orientação profissional, tem mostrado certa preocupação em relação à temática racial, depois de sua significativa omissão em reconhecer o fenômeno do racismo como problemática social e, por conseguinte contribuir fortemente para a legitimação do mesmo enquanto estrutural no Brasil.

A psicologia tem produzido cada vez mais acerca da temática do negro no Brasil, o que não quer dizer que cada vez menos a palavra “negro” seja tratada não como sinônimo de negativo em grande parte de sua produção (CRPSP, 2002). Contudo, é possível afirmar que a Lei Federal 10.639/2003 não tem sido aplicada. Podemos observar que são poucas as grades curriculares no ensino de psicologia que a contemplam, incluindo conteúdos e disciplinas curriculares relacionados à educação para as relações étnico raciais, e também para o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes.

Em vias gerais, a psicologia enquanto disciplina do ensino superior, bem como ocorre com as outras disciplinas espalhadas nas diversas universidades pelo Brasil, por não cumprir com a aplicação da lei que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História, Cultura Afro-Brasileira e Africana no ensino superior e na educação básica, tem contribuído para a permanência de uma visão eurocêntrica, racista e brancocêntrica acerca do negro, que segundo Nogueira e Guzzo (2016) não só marginaliza como também mata outros sujeitos do conhecimento. O que me parece, uma forma de contribuir com a marginalização desses outros sujeitos, e também colaborar com a marginalização epistemológica desses outros saberes, que não o europeu.

Essa negação em relação à legitimidade de outras formas de conhecimento e de outros sujeitos de conhecimento que não o hegemônico e do dominador é o que Boaventura (1997 apud CARNEIRO, 2005, p.96) vem a chamar de epistemicídio, que para o autor, consiste em um “processo de destituição da racionalidade, da cultura e da civilização do outro”, “um modus operandi do empreendimento colonial” que constitui em um dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica e racial.(GABRIEL; SILVA; 2018, p. 17)

Utilizando o conceito de epistemicídio cunhado por Boaventura Souza Santos aqui apresentado podemos observar que ao ser ampliado pela filósofa brasileira, Aparecida Sueli Carneiro, em sua tese de doutorado “A construção do outro como não ser como fundamento do ser”, esta não o resume apenas a desqualificação do conhecimento.



[...]Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade, pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio. (CARNEIRO, 2005, p. 98)

O argumento de Sueli Carneiro (2005) é de que o epistemicídio atua de modo a anular e desqualificar o conhecimento dos povos que foram subalternizados, reservando para os africanos e afro brasileiros uma situação de falta de liberdade, opressão racial, descartando-os como autores ou protagonistas em seu próprio mundo. Carneiro (2005) argumenta que o terreno do epistemicídio foi construído por normas impostas ao racialmente subalternizado para que o mundo fosse justificado apenas pela homogeneização cultural. “Nesse sentido, colonialismo/racismo se constituíram num aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos. De vinculação e subordinação da sobrevivência cognitiva do dominado aos parâmetros da epistemologia ocidental.” (CARNEIRO, 2005, p.102).

Ao entendermos o projeto epistêmico colonial imposto a sociedade brasileira, percebemos também a imposição epistêmica curricular vigente. É interessante observar a hegemonia dos saberes no currículo, ou seja, não há como negar a hierarquia de saber imposta às questões raciais e étnicas. (MARQUES; CALDERONI, 2020, p.7)

O epistemicídio que rege o discurso da Psicologia ocidental mascara a lógica de dominação colonial eurocêntrica vigente, pois se apresenta como um dos instrumentos colonialistas e conseqüentemente racistas mais eficazes, resguardando ao eurocentrismo o poder de anular outras epistemologias, tornando-se o único protagonista desse saber.

PSICOLOGIA COLONIAL

Na busca para compreendermos as críticas postas à construção de conhecimentos e discursos no continente europeu, citaremos novamente Césaire (1978) ao refletir sobre algumas construções da Psicologia utilizando o autor Mannoni.



Refletindo sobre um escrito de Mannoni a respeito do povo Malgaxe, esse o caracteriza como povos que têm necessidade de dependência, que não conseguem fazer o rito de passagem de separação dos pais, pleiteada segundo ele, por todos os jovens europeus, essa necessidade de se igualar aos pais. Os malgaxes ignoram a rivalidade com o pai e não deseja autonomia nem livre responsabilidade. (FILHO; SILVA, 2018; p:4)

As explicações advindas da compreensão de Mannoni apontam para uma ciência da subjetividade que explicará o comportamento de todos a partir dos ideais eurocêntricos.

Parece que Mannoni, de acordo com Césaire (1978), tenta evidenciar que nessas culturas, especificamente os Malgaxe tem um desejo por ser dominado, que este povo não deseja a autonomia, o que sugere um contrassenso, visto que este povo se rebelou várias vezes. Aparentemente o autor em questão, confunde vivências mais comunitárias e familiares, com mecanismos de dependências. Vemos a tentativa de retirada do desejo destes povos ou mais ainda, a sua colocação como desejantes pela subordinação. (PESSANHA, 2018, p.4)

A Psicologia Científica Moderna tem em Leibniz, com Wilhelm Wundt em 1879 o seu marco histórico. Para Patto (1984) esta ciência será constituída pela falta de unidade teórico-metodológica, o que possibilita variadas orientações epistemológicas, ainda de acordo com Patto (1984) no geral as pesquisas tendem a repetir velhos paradigmas nessa ciência, todos nascidos no berço da civilização ocidental. “A Psicologia ou as Psicologias então, desses últimos 138 anos foram marcadas pelas ontologias forjadas no continente que estabeleceu, há bem mais que 138 anos como o resto do globo terrestre, relações de colonização.” (FILHO; SILVA, 2018, p. 5).

O psicólogo afro-americano Na'im Akbar (2004) ressalta que o paradigma científico tradicional tem servido a função de perpetuar a opressão, retratando erroneamente a realidade das vítimas da opressão. Com base na ideologia da supremacia racial branca foi determinado uma realidade normativa que desqualifica e desumaniza a população afrodescendente. O psicólogo afro-americano Wade Nobles reforça este entendimento apontando que:

Quando dados africanos são processados por princípios orientadores euro-americanos, o resultado final distorce a integridade da origem natural dos dados. Por instância, a visão de mundo europeia é temperada com os princípios orientadores gerais de: 1 - Sobrevivência do mais forte; e 2 - Controle sob a natureza. Estes, por sua vez, naturalmente afetam a natureza dos valores e costumes europeus. A ênfase na competição, direitos individuais, e a posição de independência e separação são claramente ligadas aos princípios orientadores mencionados acima. Do mesmo modo a ênfase exagerada ou supervalorização da individualidade, da singularidade, originalidade, e da diferença das bases psico-



comportamentais europeias, é rastreável pelos valores e costumes característicos daquela comunidade e dos princípios orientadores refletidos nela. (NOBLES, 2006, p.126)

Atentaremos ao fato de que para os autores citados acima, a visão de mundo europeia em si não é um problema, pois seus princípios, valores e crenças, fundamentam uma realidade cultural europeia. A problemática aparece quando a Europa é vista como centro, e único modelo válido para normatizar a realidade. A partir disto, projeta e impõe a força suas premissas culturais em outros povos, atacando, desqualificando e desumanizando suas visões de mundo tradicionais (AKBAR, 2004; NOBLES, 2006).

A partir dos escritos apresentados podemos pensar que a Psicologia refletida até hoje terá seus fundamentos na Europa, e esta constituição afetará a forma como essa propõe as reflexões sobre a subjetividade, seguindo este pensamento podemos pensar sobre a possibilidade de existir uma psicologia colonial. Para obter a compreensão é necessário a reflexão sobre quais foram as marcas que o sistema colonial produziu e seus estigmas, que podem estar enviesando a Psicologia na sua forma de compreender as subjetividades, especialmente as que são vividas nos países periféricos sob a tutela da colonialidade, diante disso Nobles (2006) afirma:

Não há lugar em que as ciências sociais tenham sido mais culpadas pelo colonialismo científico do que nas disciplinas de Psicologia e Antropologia. Psicologia especialmente tem contribuído mais claramente para a dominação e opressão continuada das pessoas de cor. Ela se tornou a ferramenta singular mais poderosa de opressão e sua técnica singular mais efetiva tem sido localizar a si mesma, suas concepções e formulações como um padrão/norma pelo o qual todos os povos do mundo serão entendidos. (NOBLES; 2006; p:124)

Joseph White (1970) um dos precursores da Psicologia Preta no mundo afirma que há uma dificuldade, senão impossibilidade, de entender os estilos de vida das pessoas pretas usando as teorias tradicionais desenvolvidas por psicólogos brancos para explicar às pessoas brancas e que quando essas teorias tradicionais são aplicadas às vidas de gente preta, muitas conclusões incorretas, direcionadas para a fraqueza e inferioridade podem surgir.

De acordo com Césaire (1978) psicólogos e sociólogos, através da construção “científica” de primitivismo forjam uma imagem na qual são fixadas às nações não europeias, onde através da Psicologia os povos não-brancos vão sendo classificados como tendo necessidade de dependência.



Diante desse quadro, a psicologia brasileira posiciona-se como cúmplice do racismo, tendo produzido conhecimento que o legitimasse, validando cientificamente estereótipos infundados por meio de teorias eurocêntricas, muitas vezes, discriminatórias, inclusive por tomar por padrão uma realidade que não contempla a diversidade brasileira. É também conivente com sua perpetuação, silenciando-se diante dessa situação, deixando de dispor de seu arsenal (justamente tão apropriado para questões de identidade, autoestima, relacionamento interpessoal e dinâmicas psicossociais) para enfrentamento do problema, omitindo-se de participar do enfrentamento político do racismo, silenciando a temática em suas produções acadêmicas, não acolhendo seus efeitos diante de demandas repetidamente escancaradas e ignoradas, reafirmando invisível a demanda de mais da metade da população brasileira (CREPOP, 2013, p. 39).

Em um país colonizado por portugueses como o Brasil e que por mais tempo escravizou pessoas negras, sendo o último a abolir a escravidão, quais das nossas disciplinas entendem o racismo como fenômeno fundamental para a constituição de subjetividades no país e estendem conseqüentemente sua importância para as práticas psicológicas? Quantos dos professores(as) são negros(as), quantos psicólogos(as) o são? Quais as repercussões na subjetividade de uma pessoa negra que ao procurar um profissional de Psicologia em função do sofrimento causado pelo racismo, tem sua demanda desconsiderada pelo profissional? Tais questões aqui não dizem respeito a uma procura por números e estatísticas, e dessa forma não serão ao seu todo respondidas, no entanto nos permite algumas reflexões sobre o lugar do negro na Psicologia.

DESCOLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO

Num misto de esperança e resistência Mbembe (2014) aponta o atual momento que vivemos como o período em que a história e as coisas se voltam para nós, e a Europa deixa de ser o centro de gravidade do mundo. Desse modo, a psicóloga Grada Kilomba (2016), afirma que é necessário desconstruir o racismo, é preciso então descolonizar as nossas mentes e nossos saberes.

A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas, que têm precisamente a sua origem nessa espécie de substancialização que a situação colonial excreta e alimenta. (...) a descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos. Mas essa criação não recebe a sua legitimidade de nenhuma potência sobrenatural: a “coisa” colonizada se torna homem no processo mesmo pelo qual ela se liberta. (FANON, 2010, p. 52).



Para Fanon (2010) o colonialismo reserva ao ser africano um lugar cristalizado de inferioridade, não permitindo identificar seu protagonismo sobre si mesmo. “A descolonização é sempre um fenômeno violento e pode ser entendida como a substituição de uma espécie de homens para outra “espécie” de homens.” (FANON, 2010, p.51).

Nesse sentido, Fanon (2011) propõe uma ruptura com o modelo referencial de colonização, após denunciar a arquitetura colonial aos povos africanos, ele pensa que o caminho pontual para a libertação será pela descolonização do pensamento, fazendo com que não mais busquem referências no ideal branco eurocêntrico, e a partir desta ação nascerá um homem livre do pensamento colonizado que cria de si mesmo.

Portanto, camaradas, não paguemos tributo à Europa criando Estados, instituições e sociedades que nela se inspirem. A humanidade espera de nós uma coisa bem diferente dessa imitação caricatural e, no conjunto, obscena. Se desejamos transformar a África numa nova Europa, a América numa nova Europa, então confiemos aos europeus o destino de nosso país. Eles saberão fazê-lo melhor do que os mais bem dotados dentre nós. Mas, se queremos que a humanidade avance um furo, se queremos levar a humanidade a um nível diferente daquele onde a Europa a expôs, então temos de inventar, temos de descobrir. Se queremos corresponder à expectativa de nossos povos, temos de procurar noutra parte, não na Europa. Mais ainda, se queremos corresponder à expectativa dos europeus, não devemos devolver-lhes uma imagem, mesmo ideal, de sua sociedade e de seu pensamento, pelos quais eles experimentam de vez em quando uma imensa náusea. Pela Europa, por nós mesmos e pela humanidade, camaradas, temos de mudar de procedimento, desenvolver um pensamento novo, tentar colocar de pé um homem novo. (FANON, 1979, p. 274)

A atualidade de Frantz Fanon nos lembra que o novo precisa nascer, e a Psicologia enquanto ciência europeia tem suas produções atravessadas pelo estigma do processo colonizador. Podemos observar que por muito tempo a Europa se colocou como o berço do mundo, o bairro mais civilizado da gigante terra, e o homem universal europeu, o dono.

PSICOLOGIA PRETA E OS IMPACTOS IDENTITÁRIOS NAS SUBJETIVIDADES NEGRAS

Nos anos 1960/1970, com o trabalho de psicólogos negros como Wade Nobles e Na'im Akbar surge, nos Estados Unidos, a Black Psychology como sendo a construção de teorias e práticas em psicologia clínica tendo como referência as subjetividades negras e a ancestralidade africana.



Citaremos as pesquisas do psicólogo afro-americano Wade Nobles, professor emérito de Estudos Africanos da Universidade Estadual de São Francisco, fundador da The Association of Black Psychologists - ABPSi, onde ele nos traz a importante noção de descarrilhamento:

A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência do movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. (NOBLES, 2009, pág. 284)

Segundo Nobles (2009) este processo de descentramento ou desafricanização, constitui a problemática psicológica-chave na compreensão da experiência dos africanos em toda a diáspora. De acordo com Munanga (2012), a Psicologia no Brasil tem reservado um espaço de pouco significado ao estudo desse fenômeno que toca à vida de mais de 60 milhões de pessoas negras. Schucman, Nunes & Costa (2015) afirmam que devido o racismo ser uma modalidade de violência de desigualdade política e, como tal, é (ou pode ser) promotor de persistente sofrimento psíquico vivido por e entre a população negra, a Psicologia deveria ser uma das áreas do conhecimento alicerce para se pensar e enfrentar o racismo contra o negro.

Deste modo, Schucman, Nunes e Costa (2015) afirmam que raramente são encontradas menções ao tema da raça e do racismo em disciplinas obrigatórias nas grades curriculares das faculdades de psicologia brasileiras, sendo possível observá-las apenas em algumas disciplinas optativas e eletivas. Neste sentido, por décadas a Psicologia como ciência e como profissão desconsiderou questões relacionadas aos marcadores étnico-raciais, pautando-se por uma lógica colonialista, favorecendo a construção e manutenção de um conhecimento branco-ocidental, tomando assim um conhecimento local como global.

O limitar-se às conceituações brancas e européias sobre saúde mental e sofrimento psíquico, a psicologia brasileira deixa de contemplar e tratar adequadamente 54% da população do país, composta por negros e negras. A subjetividade negra é ignorada na grande maioria das graduações em psicologia, e um dos efeitos diretos disso são pacientes negros serem vítimas de racismo pelos profissionais que deveriam acolhê-los e, ao mesmo tempo, sentirem que não estão sendo compreendidos em suas questões e nem escutados como pertencentes a um povo que durante mais de 300 anos foi escravizado e que só há 130 anos foi liberto (VEIGA, 2019, p. 245).



E o silenciamento em específico aconteceu de diversas formas, posto que para ordenar e colonizar era preciso silenciar, conter e calar. Segundo a psicóloga e psicanalista Grada Kilomba (2015) a boca é um órgão muito especial, ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo a boca tornar-se o órgão da opressão por excelência, ela representa o órgão que os(as) brancos(as) querem e precisam controlar e, conseqüentemente o órgão que historicamente tem sido severamente reprimido. E o saber psicológico corroborou para tal desumanização, e quiçá ainda corrobora para configuração e manutenção de silenciamentos, violências e de possíveis traumas.

Quando pessoas gostam de mim, me dizem que é apesar da minha cor. Quando não gostam de mim, apontam que não é por causa da minha cor.” Fanon escreve: “em ambas situações, não tenho saída” (1967, p. 116). Preso no absurdo. Parece, portanto, que o trauma de pessoas Negras provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, ou seja, a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como o ‘Outro’, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranho(a) e incomum. Essa realidade irracional do racismo é descrita por Frantz Fanon como traumática. (KILOMBA, 2010, p.176).

A partir do trabalho de psicólogos negros como Wade Nobles e Na’im Akbar surge, inicialmente nos Estados Unidos, a Psicologia Preta que não só expôs a hegemonia eurocêntrica das teorias psicológicas tradicionais, como também começou a focalizar suas pesquisas na construção de teorias e práticas em psicologia clínica tendo como referência as subjetividades negras, derivando de uma base ontológica, epistemológica africana.

Muitos psicólogos afrocentrados acreditam que o ataque histórico da supremacia branca resultou na distorção da personalidade africana Akbar (1981), uns dos fundadores da Psicologia com base na visão de mundo africana, identifica quatro distorções ou desordens da personalidade relacionadas com uma sociedade tipificada pela opressão, pelo racismo e pela supremacia branca. Eles serão apresentados resumidamente.

A primeira é a Alien Self Disorder , Desordem do ego alienado, em que o indivíduo comporta-se de modo contrário à sua própria natureza e sobrevivência. Aprende a agir em contradição com seu bem-estar e em consequência acaba por se alienar em relação a si mesmo. Desagrada-lhe seu fenótipo natural e tudo aquilo que lhe recorde a aparência física de um africano. (AKBAR, 2004).



A segunda desordem identificada por Akbar (2004) é a Anti-Self Disorder, Desordem do Ser Contra Si Mesmo, em que a pessoa demonstra hostilidade expressa ou disfarçada em relação ao próprio grupo, e portanto, a si mesma. Ela se identifica muito com o grupo dominante e imite ou internaliza, a hostilidade e a negatividade deste grupo em relação ao seu próprio coletivo.

No terceiro transtorno de personalidade, o Self Destructive, a autodestrutiva, as pessoas afetadas por ele envolvem-se em fugas destrutivas da realidade, tais como drogas, crimes românticos e fantasias de aceitação. Crimes cometidos por negros contra negros são sintomáticos da doença autodestrutiva. (AKBAR, 2004) Por fim Akbar (2004) observa que há disfunção fisiológicas, neurológicas e bioquímicas provocadoras de desordens da personalidade que se devem a desigualdades raciais de longa data no atendimento médico e na educação, habitação e outras condições socioeconômicas de vida.

Embora de certo modo seja mais fácil identificar as patologias encontradas em pessoas-alvo do racismo, é pouco mais difícil articular qual seria a natureza do funcionamento normal ou natural desse povo na ausência da dinâmica racista.

De repente, o colonialismo é vivenciado como real – somos capazes de senti-lo! Esse imediatismo, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico. Experimenta-se o presente como se estivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) e, por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado”. (KILOMBA, 2019, p.158)

Nobles (2009) sugere que a exposição secular a uma sociedade governada por tão grande desqualificação humana, como o embranquecimento, fez com que africanos e seus descendentes acreditassem que as suas reações e acomodações às opressões raciais constituíssem a sua forma normal ou natural de ser. A fim de que descendentes de africanos possam superar este desumano processo sócio histórico, Nobles (2009) indica a necessidade de intervenções terapêuticas e clínicas que projetem um processo específico de reabilitação para apoiar, estimular e manter comportamentos, atitudes, crenças, habilidades e atividades culturalmente relevantes, tendo como objetivo a reprodução e refinamento do que há de melhor nas africanidades. Isso implica em restaurar o que significa ser humano ou ser uma pessoa dentro da perspectiva africana, reconectando-se



com a sua história, cultura ancestral do continente à diáspora, buscando elementos históricos, filosóficos e culturais que lhes permitam restaurar o sentido de humanidade.

Em “Peles negras, máscaras brancas”, o psiquiatra Frantz Fanon (1967) apontou que o colonialismo era simplesmente um outro estágio ou forma de escravidão e que a escravidão teve um impacto psicológico destrutivo nos africanos do continente, e o colonialismo teve um impacto psicológico destrutivo nos africanos em diáspora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo estudante negro no Brasil já passou pelo dissabor de ter que engolir a seco em salas de aula o único momento, em que o negro é posto em evidência no contexto escolar, como um ser inferior, de baixa ou nenhuma intelectualidade. Vislumbramos que a única contribuição relevante na história foi durante o período da escravidão negra. Tal estratégia do racismo estrutural tem sido utilizada como forma de proteção do grupo hegemônico, pertencentes da raça branca, em detrimento daqueles que são deixados para morrer, a raça negra, ter esta compreensão é angustiante, e ao mesmo tempo, nos instiga a mudança, mas não simboliza o fim deste caos tão bem instaurado.

Minha geração não conheceu nos livros escolares ou nos textos acadêmicos referências positivas que fossem oriundas da África. O conhecimento que nos era transmitido na escola era de um continente atrasado, que não possuía escrita, com religião primitiva e que oferecia ao mundo apenas recursos naturais e mão de obra escrava. Nossos ancestrais africanos contribuíram de forma grandiosa para a construção do conhecimento da humanidade, para as mais variadas formas de conhecimento, inclusive o psicológico. Ter esta compreensão nos instiga a buscar ainda mais nessa fonte que nos foi sabotada durante toda a vida estudantil, acadêmica e como seres humanos em constante formação.

A Psicologia ainda tem muito a contribuir nos estudos sobre relações raciais no Brasil, permanecendo o tema discutido em constante construção para diversas pesquisas que se engajem em de fato compreender como a identidade da pessoa negra se constrói em meio aos assassinatos constantes de saberes e corpos negros.

Na presente pesquisa, entendemos que o paradigma eurocêntrico se originou nos quatro séculos de dominação colonial, o que culminou por eliminar o indivíduo africano como sujeito, sendo reservado ao ser africano o local de não-humano. Destituindo-o assim de qualquer possibilidade de protagonismo epistêmico e histórico. Por isso, pensar rotas contrárias é um excelente exercício para outras possibilidades de perspectivas epistêmicas



não mais universais, mas sim, pluriversais, que nos permitirão localizar as bases eurocêntricas de discursos que se dizem universais.

Há o desejo de ser livre das engrenagens coloniais, que nos mantêm presos a um esquema sócio político que nos adoce, nos mata e nos afasta da realidade do que somos, nos afasta do sentido africano do que significa ser humano. Experimentar a si mesmo como dádiva. seguir a recomendação de Oxum que ao ser perguntada sobre como encontrar o amor verdadeiro, respondeu: Olhando sempre para o espelho. O racismo produziu uma autoimagem turva, prejudicando a mais fundamental capacidade de amar: o amor-próprio. Uma das direções de trabalho na Psicologia Preta é promover o resgate do amor por si mesmo, por sua história, pelo povo ao qual se pertence. (VEIGA, 2015, p.4)

A Psicologia preta enquanto ciência que compreende os efeitos do racismo pode contribuir em suas diferentes abordagens para o acolhimento de pessoas negras e para análise dos fenômenos subjetivos ligados aos processos de construção da identidade das pessoas negras, e também para a visibilidade de produção intelectual africana e afro-diaspórica de pensadores negros, sendo estes ainda raros de se ver nas ementas e nas referências bibliográficas. Lembrando-nos também da nula ou pouca presença desses corpos negros no corpo docente.

Por fim concluímos que o cuidado da saúde mental da população negra brasileira não pode se dar sem um resgate epistemológico da história do povo preto. Acredito que a imersão realizada nesta pesquisa é a possibilidade de concretizar um mundo sonhado, referente a uma clínica que saiba acolher e trabalhar as questões subjetivas provocadas pelo racismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. L. *Enciclopédia jurídica da PUC-SP*, 2017

AKBAR, N. *Mental disorders of African Americans*. In: AKBAR, Na'im. Akbar Papers in African Psychology. Tallahassee: Mind Productions, 2004. p. 160-178.

BOCK, A.M.B.; Furtado, O; Teixeira, *Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2003;

CARNEIRO, S. A. *Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser*. Intern. Fil. v. 10. n. 2 (2019), p. 167-194 ISSN 2236-8612 Paulo: FUESP, 2005.

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, S. *Epistemicídio*. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/epistemicidio/>. Acessado em maio de 2015

CENTRO DE REFERÊNCIAS TÉCNICAS EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (CREPOP). *Relações Raciais: Referências Técnicas para a Prática do(a) Psicólogo(a)*. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, Novembro de 2013, 39p.

CÉSAIRE, A. *Discurso sobre o Colonialismo*. Lisboa: Editora Livraria Sá da Costa, 1978.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA – SÃO PAULO (CRP SP – 06). 2007. *Psicologia e Preconceito Racial – Cadernos temáticos CRP SP*. SP: CRP SP, 2007, 60f

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Resolução CFP nº 018/2002*. Brasília, DF, 2002. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF.

FANON, F. *Os Condenados da Terra*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FANON, F. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FILHO, E; SILVA, I. *O processo de colonização e os possíveis impactos na Psicologia da atualidade*. PSICOLOGIA & SABERES.v:7, n:9. p: 3. 2018.ISSN 2316-1124. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/857/710>

GABRIEL, N; SILVA, L. *Reflexões iniciais acerca do epistemicídio na Psicologia*. Revista do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro- Brasileiros (NEIAB-UEM). v:02, n:02, p:4, novembro 2018.ISSN: 2596-0946. Disponível em: <http://sites.uem.br/neiab/revista-neiab/2-1.pdf> . Acesso em: 20 jun 2020.

GROSGOUEL, R. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Revista Sociedade e Estado – Volume 31, Número 1, janeiro/abril 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Características Étnico-Raciais da População: Classificações e Identidades*. (Org). José Luis Petrucelli, Ana Lucia Saboia. Rio de Janeiro, Brasil,2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Editora: Cobogó. 2019

KILOMBA, G. *“The Mask” In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira; MENDONÇA DE OLIVEIRA CALDERONI, Valeria Aparecida. *A IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: SUBVERSÃO À LÓGICA DA COLONIALIDADE NO CURRÍCULO ESCOLAR*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 32, p. 97-119, maio 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/886>. Acesso em: 14 jun. 2020.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*: 1 ed. São Paulo: Antígona, 2014.

MUNANGA, K. *Prefácio*. In: *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Carone, I; Bento, A. A. S. 5 ec. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, A. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, A. Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade. Uma abordagem epistemológica inovadora*. Coleção Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, n. 4. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-297.

NJERI, A. *Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa*. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 31: mai.-out./2019, p. 4-17.

NOBLES, W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, Elisa. (Org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-298.

NOGUEIRA, S. G., & Guzzo, R. S. L. *Psicologia Africana: Diálogos com o Sul Global*. Revista Brasileira de Estudos Africanos. 2016.

PATTO, M.H.S. *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à Psicologia Escolar*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

PESSANHA, E. *Necropolítica & Epistemicídio: As faces ontológicas da morte no contexto do racismo*. Brasília: Universidade Federal da Bahia, 2018.

PONTES, K. R. *Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03*. 2017. 93f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ensino) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, RJ, 2017.

SANTOS, Boaventura Sousa. *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1999.

SCHUCMAN, L. V.; NUNES, S. S.; COSTA, E. S. *A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes*. Psicologia USP, 1-15, 2015.

SOUZA, N.S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

TRENTINI, M.; PAIM, L. *Pesquisa em Enfermagem: Uma modalidade convergente-assistencial*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

VEIGA, L. M. *Qual a cor da Psicologia no Brasil?* Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 9 set. 2018 a. Opinião, p.9. Disponível em <<https://www.jb.com.br/pais/artigo/2018/09/4697-qual-a-cor-da-psicologia-no-brasil.html>> Acessado em: 16 dez. 2018.

WHITE, J.L. *Toward a Black Psychology: White theories ignore ghetto life styles*. Ebony. 25, 44 - 53 . 1990.

Recebido em: 21/06/2020

Aprovado em: 25/01/2021